



10º Simposio de Ensino de Graduação

A ÉTICA E O PAPEL DO ACASO E DO DESTINO NA FILOSOFIA DE EPICURO

Autor(es)

RENATO BELLOTTI SENICATO

Orientador(es)

PAULO MORGADO RODRIGUES

1. Introdução

A Filosofia ocidental tem como berço a Grécia, cujo pensamento influenciou diretamente o pensamento e modos de organização das culturas das sociedades ocidentais. As filosofias do período helenístico caracterizam-se por estarem postas num momento de reordenação das concepções filosóficas, atribuindo aos cidadãos uma postura ativa diante dos elementos culturais. A ética de Epicuro é um exemplo dessa reordenação que inscreve condutas morais para condução da vida. Da passagem de um posicionamento contemplativo do saber e do conhecimento filosófico, posto que não buscava alterar a realidade dos indivíduos, para um posicionamento prático diante da melhor maneira de guiar a vida, as doutrinas filosóficas do período helênico, em especial, nesse caso, a de Epicuro, inscrevem na história da Filosofia um importante traço para vislumbrarmos o papel do acaso e do destino na vida dos cidadãos gregos após a perda da autonomia política da Grécia e a ocupação desta por Alexandre.

2. Objetivos

O presente artigo tem por objetivo indicar os principais elementos da ética de Epicuro, considerando-a como exemplo de conduta de vida dentre as correntes filosóficas do período helênico. E, nesta, analisar qual era o papel do acaso e do destino.

3. Desenvolvimento

O presente artigo começou a ser desenvolvido no quinto semestre do curso de Filosofia, e foi retomado no presente momento pelo interesse em dar continuidade à pesquisa em Filosofia Antiga. Assim, o mesmo é um desdobramento das indagações surgidas no decorrer da disciplina de História da Filosofia Antiga II.

Do aprofundamento teórico diante da obra de Giovanni Reale, que trata, no terceiro volume de sua “História da Filosofia Antiga”, de maneira exclusiva, sobre as filosofias do período helênico, a metodologia utilizada para o desenvolvimento do presente texto consiste em pesquisa bibliográfica.

Começando pela leitura das obras citadas no plano de ensino da referida disciplina, surgiu o aprofundamento em material bibliográfico direcionado aos objetos discutidos nos textos, desse modo, valorizando a caminhada em ensino de graduação, que continua para além do tempo/espaço da sala de aula.

A ética de Epicuro caracteriza-se por uma doutrina filosófica, que tem por base fazer com que os princípios norteadores do comportamento humano estejam voltados para a busca do prazer como fundamentadores da boa existência. Segundo Epicuro, o prazer é princípio e fim do viver feliz. (EPICURO. Epístola a Menecceu. apud Reale, 1994, p. 204). De acordo com sua ética, Epicuro não propôs um hedonismo, ou seja, a busca dos prazeres passageiros, ao contrário, o prazer segundo o filósofo grego representava a ausência de dor. Sobre isso, pontua Epicuro que

Nós não buscamos o prazer que move o nosso instinto natural com um sentido de delícia e que é percebido pelos nossos sentidos como agradável, mas consideramos máximo prazer aquele cuja percepção consiste na supressão da dor. (EPICURO apud Reale, 1994, p. 206).

Portanto, na ética de Epicuro, o problema do bem viver é o problema por excelência, sendo todo o resto responsável por sua solução. Esta característica da ética de Epicuro remete-nos ao fato das filosofias do período helênico terem tratado essencialmente dos problemas da vida. Sobre isso, Reale pontua que

A filosofia das escolas helenísticas quis essencialmente ser, e foi, efetivamente uma filosofia da vida, uma filosofia que queria ensinar a arte de viver, isto é, não uma sophia em sentido aristotélico, mas uma phrónesis, uma sabedoria, um conhecimento finalizado à atividade moral prática. (REALE, 1994, p. 472 – negrito meu).

Na perspectiva epicurista da busca pelo prazer e, conseqüentemente a vida feliz, esse, deve ser entendido como princípio e finalidade, ou seja, princípio porque é um bem natural, a primeira relação de contato natural e; finalidade porque “desejado por si mesmo”, o prazer é “o bem que dá sentido a todos os bens”. (CHAUI, 2010, p. 105 – 106). Não é sem porque, portanto, que o prazer na ética de Epicuro é apontado como norteador da vida feliz, pois, após termos reconhecido os prazeres como bens de princípio e natureza, são eles quem orientam os homens na busca daquilo que é necessário acolher ou rejeitar, ou seja, são os prazeres que fundamentam as escolhas humanas. Isso fica explícito num trecho da Carta a Meneceu, onde Epicuro explicita sobre o prazer como princípio e finalidade da vida:

Dizemos que o prazer é o começo e o fim da vida feliz. Com efeito, por um lado, o prazer é reconhecido por nós como o bem primeiro e conforme à nossa natureza e dele partimos para determinar o que é preciso escolher e o que é preciso rejeitar; de outro, é sempre a ele que chegamos, pois são nossas afecções que servem de regra para medir e apreciar todo e qualquer bem por mais complexo que seja. (EPICURO apud CHAUI, 2010, p. 106).

Não são apenas os prazeres que cumprem a função de guiar os homens em suas escolhas, mas os próprios prazeres, também esses, devem ser escolhidos para guiar os homens em busca do prazer supremo, o prazer espiritual. Entretanto não se confunda o caráter espiritual da ética epicurista com transcendências em seus significados costumeiramente utilizados, pois, sendo os prazeres objetos naturais, também são “rigorosamente físicos”, logo a alma é corpórea. Na filosofia epicurista, os critérios de verdade são: a sensação, antecipação e o sentimento, porém, correspondente a sua ética será evidenciado o primeiro critério, pois os prazeres são corpóreos.

Na interpretação da escolhas dos prazeres para se chegar ao bem, ao prazer supremo, existem divergências significativas por parte dos escritores em determinar aspectos da ética de Epicuro; alguns constroem a ética segundo o filósofo grego, dizendo que o prazer é a ausência de dor, ou de perturbação; já outros pontuam que o prazer não é um estado negativo, a ausência de algo, mas sim um estado positivo. Entre as interpretações devemos julgar uma que aparentemente seja mais adequada e faça um paralelo entre ambas, a de que o prazer “não é um estado passageiro ou fugaz, mas um estado permanente de equilíbrio das partes do corpo, isto é, o que experimenta um corpo com saúde” (CHAUI, 2010, p. 107). Portanto, para alcançar o prazer supremo dá-se a importância das escolhas dos prazeres. E sobre isso nos sinaliza Epicuro:

E como o prazer é o primeiro e inato bem, é igualmente por este motivo que não escolhemos qualquer prazer; antes, pomos de lado muitos prazeres quando, como resultados deles, sofremos maiores pesares; e igualmente preferimos muitas dores aos prazeres quando, depois de longamente haveremos suportado as dores, gozamos de prazeres maiores. Por conseguinte, cada um dos prazeres possui por natureza um bem próprio, mas não deve escolher-se cada um deles; do mesmo modo, cada dor é um mal, mas nem sempre se deve evitá-las. Convém, então, valorizar todas as coisas de acordo com a medida e o critério dos benefícios e dos prejuízos, pois que, segundo as ocasiões, o bem nos produz o mal e, em troca, o mal, o bem. (EPICURO, 1988, p. 17).

A escolha dos prazeres dá-se por conta dos desejos, sendo alguns naturais e outros se dão na ordem de “vãs opiniões”. Também porque, alguns desejos são naturais e necessários a felicidade, outros são necessários a vida, mas alguns, ainda que naturais, são desnecessários para ambas. Nos pontua Epicuro:

Alguns dos desejos são naturais e necessários; outros são naturais e não necessários; outros nem naturais nem necessários, mas nascidos apenas de uma vã opinião. (1988, p.17).

Portanto, são desejos naturais necessários, aqueles que estão determinados pelos preceitos de certa moderação e que são postos conforme a natureza, por exemplo, uma alimentação sóbria, uma casa, uma veste que proteja o corpo, uma “riqueza recatada” para a garantia de uma vida saudável. Em contraponto, são desejos não saudáveis, aqueles que levam a vida à uma imoderação, para os quais é necessário constante disciplina e controle. E por fim, “são desejos não naturais e não necessários os que nascem de vãs opiniões, que, insensatas, acreditam que o prazer se encontra no luxo, na glória, na fama, no poder e na conquista, deixando-nos sempre perturbados pelo medo de perdê-los, se o tivermos, ou de não conseguí-los, se não o tivermos” (CHAUI, 2010, p. 108).

Das distinções feitas no que se refere aos tipos de desejos, surge importante noção no pensamento ético de Epicuro, a de auto-suficiência, pois a moderação desses desejos naturais necessários e não necessários é que assegura ao homem sua independência

(ou a autarquia). Portanto, a intemperança que tem seu fundamento nos desejos despertados pela vã opinião impedem a capacidade de auto-suficiência do homem e o torna prisioneiro de perturbações e angústias. Isso é muito importante para o entendimento da escolha dos prazeres através da validação dos desejos, pois, como nos pontua Epicuro:

Quando somos autossuficientes e nos bastamos a nós mesmo, conseguimos um bem inestimável: a liberdade. (EPICURO apud CHAUI, 2010, p. 108).

Surge então, desse movimento de seleção dos prazeres através dos desejos naturais e necessários, outro caráter importante da ética de Epicuro, a ser brevemente comentado, é o qual classifica-se como a fonte de onde provém todas as virtudes, a prudência, e que é necessária para pautar a busca de uma vida de prazer supremo e absoluto. Quanto a isso, Chauí (2010) utilizando-se das palavras de José Américo Pessanha pontua que

deve ser posta acima da própria filosofia, pois é feita para ser a fonte de todas as virtudes, ensinando-nos que não há meio de vivermos prazerosamente se não se vive com prudência, honestidade e justiça e que é impossível viver com prudência, honestidade e justiça se não se vive prazerosamente. As virtudes, com efeito, são apenas a consequência da vida prazerosa e esta, por sua vez, não poderia realizar-se sem virtudes (PESSANHA apud CHAUI, 2010, p. 109).

Segundo a concepção de Pessanha de que a ética de Epicuro equipara-se a uma terapia, na qual estão postas duas realidades: a do corpo e a da alma (que é corpórea). O primeiro, o corpo, pode estar em estado saudável e a alma não, ou o contrário, o corpo pode estar em mau estado e a alma permanecer saudável. Se, o corpo está bom e a alma ruim, é necessária “a correção de falsas opiniões e a supressão dos temores ocasionados por elas”. Já no segundo caso, quando a alma está bem, mas o corpo não, “o remédio consiste na anulação da dor física por meio de uma reorientação das imagens mentais, com o resgate de imagens passadas prazerosas ou antecipação de imagens futuras também positivas”. (CHAUI, 2010, p. 110). Dessa perspectiva tomamos, mais uma vez, para sintetizar o que consiste, dentro da ética de Epicuro, a sabedoria:

A sabedoria está, assim, em saber contrapor prazeres corpóreos e fazer com que, no caso de o presente ser doloroso, neutralizá-lo pelo memória e pela esperança, no pressuposto de que a imagem – resgatada do passado ou antecipada do futuro – pode ser mais forte do que uma sensação (PESSANHA apud CHAUI, 2010, p. 110).

Essa terapêutica proposta por Pessanha da análise da ética epicurista é o exemplo do que culmina no exercício livre e voluntário e guiado pelo controle tanto da alma quanto dos afetos, “é o desvio em relação à determinação que rege a natureza das coisas”.

Para contrapor os significados das palavras destino e acaso com aquilo que ficou entendido e faz relação com os elementos da ética de Epicuro, temos de ressaltar seu significado. Portanto, a filosofia epicurista representa uma conduta, maneira de agir, modo de empregar e exatamente em que empregar o esforço humano em busca das virtudes e elevação da alma, ou seja, a busca por uma vida virtuosa, busca pelo bem viver, viver equilibrado, o viver feliz. Os homens, praticantes, e aqui devemos atribuir relevante importância ao termo praticante, pois alcançar a finalidade que essa doutrina filosófica propunha só era possível pela prática do que ela ensinava. Portanto, é necessário empregar seu esforço na busca por esse viver feliz e virtuoso.

4. Resultado e Discussão

Com a inscrição incisiva da responsabilidade em guiar-se por si próprio ao encontro com o ideal de felicidade, o indivíduo inscreve-se, através da prática das afecções da filosofia proposta por Epicuro no período Helênico, como seu próprio senhor. Esse movimento coloca o homem contemporâneo na posição de pontuar o valor do acaso e do destino e a abrangência que esses tinham sobre a vida desses indivíduos guiados por si mesmos e não mais pela idéia dogmática de uma transcendência capaz de impor sobre a vida do homem seu destino. Entretanto o fato de justificar no próprio homem essa capacidade de uma busca controlada, através de princípios ético/morais, à felicidade eterna, tende a fazer com que excluamos o significado do acaso e do destino na ética de Epicuro, pelo menos que o façamos no sentido estrito dos significantes que esses têm para nós nos dias de hoje.

Podemos, portanto, compreender que se o acaso não exerce sobre o indivíduo a força de um acidente inevitável, faz todo sentido que signifique para o homem desse período a fortuna e sorte de guiar sua vida em busca do que deseja. Igualmente o destino, que se não mais encontra o caráter de uma pré-determinação divina que jamais poderia ser mudada, apresenta-se conciso que o entendamos como a busca pela vida feliz. Logo, é o homem que através de suas ações, transforma as ações do acaso em seu destino, ambos, portanto, determinados por suas ações, escritos aos passos em que o próprio indivíduo os escrevem, em sua busca pela virtude da vida feliz.

5. Considerações Finais

O acaso e o destino não cumprem, em especial na doutrina filosófica de Epicuro, um papel de caráter inevitável. Os indivíduos dispostos sob o exercício da ética epicurista atribuíam sentido e valor a suas próprias ações, consequentemente a própria vida, através do exercício das práticas dessa corrente filosófica.

Referências Bibliográficas

- CHAUI, Marilena. Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- EPICURO. Antologia de textos. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- REALE, Giovanni. História da filosofia antiga. São Paulo: Loyola, 1994.